



Desde 1987 vem sendo desenvolvido projeto de tratamento através de plantas medicinais no Núcleo Bandeirante

Hospital público apostava em terapias alternativas

JÚLIO MOSQUÉRA

Há alguns anos um elevado número de novas propostas vem surgindo com a intenção de ampliar o modelo biomédico atual, baseado nos medicamentos sintéticos. O sucesso de aceitação de fórmulas de cura como a homeopatia, aliada à insistente iniciativa de profissionais da medicina em Brasília, levou a Secretaria de Saúde a oficializá-las nas unidades hospitalares do DF.

Desde agosto último, está em andamento na Fundação Hospitalar o Programa de Desenvolvimento de Terapias não Convencionais, composto de quatro projetos — Acupuntura, Fitoterapia, Homeopatia e Alimentação Integral. Na visão do Secretário de Saúde, Milton Menezes, o propósito principal é o de "atender aos anseios de profissionais da área interessados nessas opções terapêuticas".

Em Planaltina, por exemplo, há cinco anos, o Centro de Saúde da satélite mantém um horto onde são cultivadas as plantas medicinais empregadas na cura de doenças mais simples (gástrite, cistite e algumas disfunções orgânicas), aquelas que necessitam de um atendimento primário. No Núcleo Bandeirante iniciativa semelhante existe desde 1987, e no dia 25 do mês passado, Brazlândia deu início à sua

plantação.

A permanente precariedade de medicamentos e de recursos, por parte do sistema de saúde, também se coloca como forte argumento para a viabilização do programa. Os resultados positivos obtidos com o uso de plantas e ervas, associado à facilidade de obtenção delas, surge com o princípio de remediar as deficiências.

As novas terapias, no entanto, não aparecem para substituir às aplicadas hoje em dia. Segundo Menezes, caberá ao paciente escolher entre os tratamentos convencionais e os "alternativos". Mesmo porque, continua ele, na primeira fase do programa apenas os centros de saúde fornecerão o serviço, o que reduz o número de assistidos.

FITOTERAPIA

Dentre os quatro projetos, a fitoterapia — tratamento de doenças com plantas — é o que encontra-se mais adiantado. Em breve, assegura a coordenadora de todo o programa, a neurologista Maria Aparecida Costa, o sistema de saúde inteiro poderá dispor de um horto didático. A cultura brasileira, avalia ela, irá facilitar a execução: "Temos aqui no País raízes profundas de uso da farmácia verde, e queremos aproveitar essa condição natural".

O horto didático terá função dupla. Além de fornecer a matéria-prima para os medicamentos, servirá de escola. Ao lado das plantas e ervas constarão placas com os nomes popular e científico de cada espécie, e orientações sobre a utilização, preparo e dose dos remédios. "Assim canalizaremos a iniciativa espontânea das pessoas, segundo o emprego adequado da flora medicinal", fala Aparecida.

Apesar de bastante difundida entre os brasileiros, a terapia das plantas é em muitos casos praticada de forma errada.

O secretário de Saúde, entretanto, não demonstra preocupação quanto à aceitação das novas terapias. Ele considera haver espaço para todos os tipos de tratamento, e ressalta que os profissionais da área oferecem amplo apoio à idéia. "Trata-se de oferecer outras técnicas, e não substituir as existentes", reforça.

Na defesa pela preferência da fitoterapia, Aparecida lembra que os efeitos colaterais desse tipo de tratamento são bem menores. "De acordo com o princípio ativo das plantas, o organismo retém as substâncias necessárias, e se autodefende. São repastos ainda sais minerais, fósforo, cálcio, tão essenciais para o perfeito funcionamento do corpo", explica.